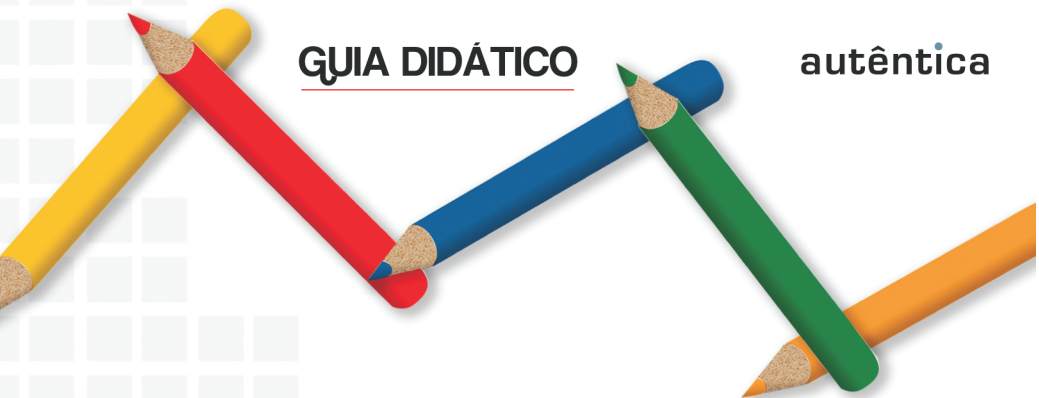


GUIA DIDÁTICO

autêntica



Fala e escrita



Luiz Antônio Marcuschi
Angela Paiva Dionisio
(orgs.)

Angela Paiva Dionisio, Beth Marcuschi, Cristina Teixeira V. de Melo,
Judith Hoffnagel, Luiz Antônio Marcuschi,
Maria Lúcia F de F Barbosa e Marianne C. B. Cavalcante



Ministério
da Educação



CENTRO DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO E LINGUAGEM

Guia Didático

Fala e escrita

**Ministério
da Educação**



Presidente: Luis Inácio Lula da Silva

Ministro da Educação: Fernando Haddad

Secretário de Educação Básica: Francisco das Chagas Fernandes

Diretora do Departamento de Políticas da Educação Infantil e Ensino Fundamental: Jeanete Beauchamp

Coordenadora Geral de Política de Formação : Lydia Bechara



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

Reitor: Amaro Henrique Pessoa Lins

Pró-Reitora para Assuntos Acadêmicos: Lícia Souza Leão Maia

Diretor do Centro de Educação: Sérgio Abranches

**Coordenação do Centro de Estudos em Educação e Linguagem –
CEEL:** Andréa Tereza Brito Ferreira, Artur Gomes de Morais, Eliana
Borges Correia de Albuquerque, Telma Ferraz Leal

Organizadores:

*Luiz Antônio Marcuschi
Angela Paiva Dionisio*

Autores

*Angela Paiva Dionisio
Beth Marcuschi
Cristina Teixeira Vieira de Melo
Judith Hoffnagel
Luiz Antônio Marcuschi
Maria Lúcia F. de F. Barbosa
Marianne C. B. Cavalcante*

Alunos Colaboradores

*Charles Gomes Martins
Dayse Alves Pessoa de Araújo
Elisabeth de Oliveira Camelo
Irlânia do Nascimento Silva
Ivana Cristina Pereira de Oliveira
Júlio Cezar Brandão Carvalho
Lisandra Kênia Monteiro Lima*

RECIFE/BRASÍLIA
2005

Fala e escrita

1ª edição
1ª reimpressão

Ministério
da Educação



autêntica



Copyright © 2005 by Os autores

Capa

Victor Bittow

Editoração eletrônica

José Henrique Cerqueira Mariani

Revisão

Rodrigo Pires Paula

2007

Todos os direitos reservados ao MEC e UFPE/CEEL.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por
meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica sem a
autorização prévia do MEC e UFPE/CEEL.

CEEL

Avenida Acadêmico Hélio Ramos, sn. Cidade Universitária.

Recife – Pernambuco – CEP 50670-901

Centro de Educação – Sala 100.

Tel. (81) 2126-8921

SUMÁRIO

- 07 Unidade 1:
 **Princípios gerais para o tratamento das relações
 entre a fala e a escrita**
 Luiz Antônio Marcuschi e Angela Paiva Dionisio
- 15 Unidade 2:
 Oralidade e letramento como práticas sociais
 Luiz Antônio Marcuschi
- 19 Unidade 3:
 **A oralidade no contexto dos usos lingüísticos:
 caracterizando a fala**
 Luiz Antônio Marcuschi
- 31 Unidade 4:
 **A escrita no contexto dos usos lingüísticos:
 caracterizando a escrita**
 Luiz Antônio Marcuschi e Judith Hoffnagel
- 35 Unidade 5:
 Estratégias de textualização na fala e na escrita
 Angela Paiva Dionisio e Judith Hoffnagel
- 43 Unidade 6:
 **Formas de observação da oralidade e
 da escrita em gêneros diversos**
 Marianne C. B. Cavalcante e Beth Marcuschi
- 53 Unidade 7:
 As relações interpessoais na produção do texto oral e escrito
 Cristina Teixeira Vieira de Melo e Maria Lúcia F. de F. Barbosa
- 65 Unidade 8:
 Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita
 Angela Paiva Dionisio

UNIDADE 1

Princípios gerais para o tratamento das relações entre a fala e a escrita

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)

Angela Paiva Dionísio (UFPE)

Nestas atividades, que correspondem aos temas desenvolvidos no primeiro capítulo, são propostos alguns desafios que devem conduzir a uma abertura para os fenômenos discursivos do seu dia-a-dia e para uma percepção mais acurada da realidade lingüística. Assim, mais do que lidar com aspectos pormenorizados dos textos, teremos aqui algumas atividades bastante gerais que visam à sensibilização para os fenômenos da oralidade e à atenção para a presença da fala e da escrita na vida cotidiana.

BLOCO I

Você encontra estas afirmações no primeiro parágrafo do capítulo 1:

“Basta observar nossa vida diária desde que acordamos até o final do dia para constatar que falamos com nossos familiares, amigos ou desconhecidos, contamos histórias, piadas, telefonamos, comentamos notícias, fofocamos, cantamos e, eventualmente, organizamos listas de compras, escrevemos bilhetes e cartas, fazemos anotações, redigimos atas de reuniões de condomínio, preenchemos formulários e assim por diante. Portanto, mesmo vivendo numa sociedade em que a escrita entrou de forma bastante generalizada, continuamos falando mais do que escrevendo.”

Atividade 1

Reveja o seu dia e enumere, em duas colunas, suas atividades discursivas diárias identificando o que você faz desde que acorda

até quando deita, falando, escrevendo ou lendo. Se houver alguma atividade especial que não é de todo dia, indique na parte separada na segunda metade. Faça um quadro parecido com este:

ATIVIDADES ORAIS DE TODO DIA	ATIVIDADES COM LEITURA OU ESCRITA DE TODO DIA
ATIVIDADES ORAIS MENOS FREQUENTES NO DIA-A-DIA	ATIVIDADES COM LEITURA OU ESCRITA MENOS FREQUENTES

Atividade 2

As quatro caixinhas acima provavelmente não contam com quantidades iguais de ações discursivas. Onde há mais atividades e por que isso ocorre? Quais seriam as diferenças mais marcantes entre as atividades mais frequentes e menos frequentes tanto na fala (falando ou ouvindo) como no uso da escrita (lendo ou escrevendo)?

BLOCO II

Observe esta afirmação que aparece no início do Capítulo 1:

“... não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita.” Reflita sobre esta idéia e apresente alguns argumentos para as seguintes questões:

Atividade 1

Quais os argumentos que poderíamos levantar para justificar o fato de que a fala e a escrita são atividades igualmente valiosas e

igualmente merecedoras de nossa atenção? E por que as pessoas costumam valorizar mais a escrita e acham que um indivíduo analfabeto não é uma pessoa “*educada*”?

Atividade 2

Quais as conseqüências para o ensino de língua, quando se leva a sério a afirmação de que “*não há razão alguma para desprestigiar a oralidade e supervalorizar a escrita*”? Que atitudes poderiam ser tomadas para ajudar o trabalho com a língua fazendo justiça à importância da oralidade na vida de todo o cidadão?

BLOCO III

Considerando as várias posições apontadas no Capítulo 1, que mostram quais as relações gerais entre a oralidade e a escrita, busque no seu dia-a-dia argumentos para os temas propostos a seguir:

Atividade 1

Tal como afirmado, nossa atividade discursiva se dá na fala e na escrita e sempre na produção dentro de um contínuo de gêneros textuais. De que maneira a relação entre a fala e a escrita poderia ser melhor compreendida se considerássemos essa produção dos gêneros textuais? Para esta reflexão considere o que você mostrou no quadro da Atividade 1 acima. Veja como as suas ações discursivas no dia-a-dia se distribuem na relação entre a fala e a escrita.

Atividade 2

Uma afirmação muito freqüente, hoje em dia, por parte de todos os que trabalham a língua em seus usos diários é a de que *tanto a fala como a escrita variam*. Tente discutir essa questão com base em material coletado por você, seja da televisão, do rádio, de gravações de conversas; use também de materiais escritos coletados nos mais diversos locais, inclusive em sua casa no seu dia-a-dia. Esta atividade pode servir para montar materiais que depois serão trabalhados em outros momentos. Veja alguns questionamentos possíveis neste contexto:

- (a) Em que se distinguem as falas de diversas regiões do país? Temos ou não uma suposta unidade lingüística?
- (b) Você poderia trazer exemplos para isso, tirados de sua experiência pessoal, mostrando como esta situação ocorre? Pode observar que a fala varia inclusive entre grupos sociais e não apenas entre regiões geográficas.
- (c) Aprofunde o tema em discussões com base na observação que você possa fazer nos materiais que você coletou para esta atividade.
- (d) O que leva um indivíduo a distinguir uma pessoa de outra pela fala?
- (e) O que é que a fala revela em relação aos falantes? Quando você ouve alguém falando, você pode identificar uma série de características dessa pessoa. Indique algumas dessas características.

Atividade 3

Leia com atenção a transcrição da gravação abaixo e mostre algumas características da pessoa que falou isso. Qual o gênero textual dessa interação? Como você caracterizaria **I** e **S**, em relação a estes aspectos: (a) provável grau de instrução; (b) provável profissão ou atividade; (c) região do Brasil a que pertencem; (d) sexo das pessoas; (e) possível faixa etária e outros aspectos que você pode indicar. Explique como chegou a tantas conclusões com tamanha certeza.

((Esta transcrição começa 10 minutos após o início da gravação)) /.../

I - e você tem muitas amigas aqui?

S - bom... eu não tenho MU:itas aqui não porque faz um ano e um mês que eu tô aqui eu não tenho muita amiga... mas tenho três amiga que eu gosto bastante... éh::... Ison:te... Ivone:te... Severi:na... ((sorrindo)) é igual o meu nome... nós se gostamo bastante se demo muito bem::... nós brinca MU::ito... se diverte mu:ito.... como as amiga que nós gosta

I - o que é que você conversa com as suas amigas?

S - oh: nossa conversa é... sobre fe::sta sobre:::.... i pruma fe::sta...
diverti:: i ao cine::ma... i::... negócio de namora::do né? fica
muito conten::te se diverte mu::ito... como é que va::i como é
que é melhor:::.... é essas coisa todas que nós falamos

I - ... quando você conversa com... com suas amigas você usa
sempre a mesma fala?

S - uso a mesma fala que eu uso agora ... porque eu não sei falá
diferente e a mesma fala que eu sei falá é essa normal

I - e do/e quando você fala com seus patrões você fala do mesmo
jeito?

S - falo do mesmo jeito

I - não tem assim uma palavra que você goste de dizê mais?

S - bom... eu não eu não tenho não ... porque eu só falo a mesma
coisa igual porque eu não entendo e não sei falá francê::s ..
portuguê::s .. inglês:: .. matemá::tica essas coisas eu não sei o
falá (graça) que eu falo a mesma coisa que eu falo agora

I - mas se você vai pedir alguma coisa ao seu patrão ... ou a sua
patroa como é que você diz?

S - bom eu digo... “don’ Inete por favor será que a senhora podia
me cedir:”... digamos... “dez cruzeiro vinte cruzeiro adianta-
do?”.... é assim que eu digo... se ela deu aí eu “muito obriga-
do”.... quando ela me dé aí eu digo “muito obrigado... tal dia eu
lhe devolvo”

I - isso você falando com a patroa?

S - é sim

I - e com o patrão?

S - com o meu patrão eu digo a mesma coisa... “seu Jorge por
favor o senhor pode me arranjar tanto dez cruzero vinte em-
prestado... tal dia eu lhe devolvo”... é a mesma coisa

I - e se você fosse falar com:: .. a sua amiga?

S - bom.... com a minha amiga já é:::....pé/posso pedi a mesma coisa
mas é a mais já é mais assim desligado o assunto aí... “ô fulana

tu tens que me empreste vinte ou dez cruzero depois eu te dô” já é outra coisa não é?... aí o patrão a gente fica mais um pouco acanhado por que ele tem leitura aí quando a gente vê ele falando como é que ele fala né:... aí a gente já vai entendendo já vai aprendendo um pouco as palavra .. e com as amiga a gente já aprende outras diferente.... aí qué dizê que a gente já fala as palavra diferente

I - quais são as palavras que você aprende.... com seus patrões?

S - bom e... ele fala éh... digamos... em m éh: “não faça IS::so que isso é muito FE:io... é riDÍculo”... “isso é PÉ:ssimo é horroroso:so não se fala assim:” éh::... “fale” digamos éh::... “por favor:” por exemplo “faça i:sso.... faça aquilo q’ tá bem feito” “eu gosto assim” “Severina onde é que você vai?”.. “que hora você vo::lta?” “olhe isso é muito boni::to”.. “temos satisfação” .. é isso que a gente falamos

I - e: ... com as suas amigas ... o que é que você aprende?

S - óh com as minhas amiga ela também não aprende por que elas falam de outro jeito né qué dizê que eu vô aprendê o jeito que ela fala não é?... se ela fala “ô fulana vamo prá::... pruma fe::sta”.... nós vai... quando chega “ô Severina vamos já pra casa que já tá na hora”... qué dizê com o patrão é diferente.... ele diz “Severina vamos que já está na hora”... qué dizê que já é diferente não é?... o que nós tamo aprendendo... aí qué dizê que é isso que nós falamos.... se o patrão diz “fulana vamo pra um cinema “ nós dizemo “va-mos” qué dizê “VAMOS” e a empregada outra já não diz “vamo/VAMO” qué dizê que as palavra já está diferente nós temo que falá pelo acordo com que nós asprendemo que nós tamo num emprego aprende uma fala se nós saímos já aprende outra... qué dizê que a gente tá aprendendo a de outro patrão ... mas se saí

daqui já vai aprendê a de outra.... é isso que nós fala

I - e quando você recebe uma pessoa muito importante que vem fazer uma visita....como é que você atende essa pessoa ?

S - bom.... eu atendo abro a porta “por gentileza o que é que o senhor deseja?”... aí se ele diz “quero falar com o doutor Antônio Jorge” ou “com a doutora Edinete” eu digo... “por favor tenha a bondade pode entrá espe/aguarde um pouco que eu vou chamá-la”... é assim que nós digamos /.../

(Fonte: NELFE - Projeto sobre a Linguagem Falada pela Empregada Doméstica - Entrevista Coletada em 1978 - Transcrita por Luiz Antônio Marcuschi)

BLOCO IV

Quais as conseqüências mais importantes para o trabalho com a oralidade e a escrita em sala de aula, considerando as afirmações feitas no trecho a seguir? Para um melhor tratamento dessa questão, releia as partes finais do Capítulo 1.

“Seria também equivocado correlacionar a oralidade com a contextualidade, implicitude, informalidade, instabilidade e variação, atribuindo à escrita características de descontextualização, explicitude, formalidade, estabilidade e homogeneidade. Hoje ninguém mais aceita essa divisão estreita porque uma simples análise da produção textual escrita desmente isso. Todos os usos da língua são situados, sociais e históricos, bem como mantêm um alto grau de implicitude e heterogeneidade, com enorme potencial de envolvimento. Fala e escrita são envolventes e interativas, pois é próprio da língua achar-se sempre orientada para o outro o que nega ser a língua uma atividade individual.

Atividade 1

Analise sua produção discursiva falada e escrita diária e observe se a idéia de que a fala é mais contextualizada do que a escrita é de fato verdadeira. Veja ainda a diferença que há entre os vários modos de falar no seu cotidiano, e mostre como e onde você muda da linguagem formal para a informal e como isso não se dá apenas na fala,

mas também na sua escrita e na sua leitura. Observe outros aspectos apontados na afirmações feitas na citação acima.

Lendo mais sobre o tema

1. Manoel Luiz Gonçalves CORRÊA. Letramento e heterogeneidade da escrita no ensino de português. In: Inês SIGNORINI (Org.). *Investigando a relação Oral/Escrito e as Teorias do Letramento*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 135-166.

Neste trabalho, o autor analisa a relação entre o oral e o escrito na produção de textos. Para o autor é fundamental entender que a heterogeneidade, ou seja, as variações internas do texto, é própria da escrita e não uma simples “presença do oral na escrita”. Com isto, ele desmistifica essa idéia de que a fala está no meio da escrita quando surgem alguns elementos que lhe parecem estranhos. Partindo de uma análise das relações entre a oralidade e a escrita no processo de produção da escrita, o autor sugere alternativas de trabalho com a oralidade e a escrita em sala de aula.

2. Dino PRETI. *Estudos de Língua Oral e Escrita*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna. 2004. Leitura do texto: “Mas, afinal, como falam (ou deveriam falar) as pessoas cultas?” (p. 13-20).

Esta obra de Dino Preti mereceria ser trabalhada por completo, pois é uma das poucass entre nós que trata da questão da relação entre o oral e o escrito na obra literária, um aspecto central no ensino de língua e pouco abordado. Sugerimos a leitura do primeiro texto porque serve para tirar a idéia de que a língua falada culta é a fala das pessoas cultas. O autor discute aqui a noção de prestígio social e de valor excessivo que se dá a uma determinada maneira de falar. Parte dos materiais do projeto NURC de São Paulo e mostra como os falantes cultos também produzem enunciados que não seguem a dita norma culta. Serve para levantar uma discussão sobre as variações de fala entre as camadas sociais sem se atribuir a uma delas o privilégio de uma fala mais elaborada.

UNIDADE 2

Oralidade e letramento como práticas sociais

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)

Estas atividades referem-se ao conteúdo do Capítulo 2 e retomam o problema central das relações entre *oralidade e letramento*. Considerando que a língua é um conjunto de práticas discursivas, admite-se que essas práticas se manifestam como práticas de *oralidade e letramento*. Vejamos agora estas duas práticas em suas propriedades, observando algumas distinções interessantes para entender a diferença entre lidar com *formas lingüísticas* ou com *práticas sociais*.

BLOCO I

No Capítulo 2, são feitas duas distinções centrais entre: (a) *fala e escrita*, de um lado e (b) *oralidade e letramento*, de outro lado. Releia as observações do capítulo e também os autores ali indicados, e exponha pelo menos dois aspectos que caracterizam cada um dos dois conjuntos, seguindo a proposta abaixo:

Atividade I.1:

Fala e escrita dizem respeito a

Atividade I.2:

Oralidade e letramento dizem respeito a.....

BLOCO II

Oralidade e letramento são duas práticas sociais de uso da escrita. Do ponto de vista dos usos, a oralidade acha-se mais presente que o letramento em nossas atividades cotidianas. Mas o letramento recebe uma maior avaliação. Diante dessa observação, explique:

Atividade 1

Por que o letramento é uma atividade de uso da língua que recebe uma avaliação maior nos dias de hoje em nossa sociedade? O que leva nossa sociedade a valorizar de modo tão elevado o uso social da escrita?

Atividade 2

Quando uma pessoa pode ser tida como letrada em sentido pleno do termo? O simples fato de alguém ser alfabetizado já significa que ele é letrado no sentido pleno do termo?

BLOCO III

Leia novamente os dois depoimentos correspondentes a um homem e uma mulher, ambos analfabetos e vindos do interior para a cidade grande:

(01)

João: Quando nós vivia lá no interior num tinha assim esse negócio de ter tanto papel pra tá em dia, não. Aqui tudo que se vai fazer tem de ser documentado. É uma comprinha besta de nada, para marcar uma consulta, pra se ver se consegue os documentos dessas casa. Eu num conto é o tanto de vez que já pediram documento pra fazer esses tal de cadastro, é de luz, é de água. A gente fala, mas a palavra tem vez que só vale se for num papel. Com isso eu num vou me acostumar é nunca. Mas tem os menino aí que é quem ajuda para fazer essas coisa.
(João, 52 anos)

(02)

Leda: *Eu só num acho muito fácil é porque em todo lugar que a gente vai, tudo que se faz bota no papel. Até aqui em casa mesmo nós tem o costume de botar as coisas na lista porque se não nem se sabe fazer as conta direito, os dia de fazer o que tem de fazer. É como se a gente num soubesse mais guardar as coisas de cabeça (...). E tem de ser assim se não a gente acaba num fazendo como tem de ser feito.* (Leda, 43 anos)

(Fonte da citação: Iveuta de Abreu Lopes. *Cenas de Letramentos Sociais*. Tese de Doutorado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco: Recife, em julho de 2004, p. 98-99.)

Atividade 1

Lendo os dois depoimentos, qual é a principal observação que ambos fazem quanto à diferença nos usos da escrita entre a realidade por eles vivida no seu mundo lá no interior e na atual situação urbana?

Atividade 2

Leia mais este depoimento de uma senhora analfabeta e explique em que consiste o grande constrangimento. Diante deste depoimento pode-se dizer que em algumas circunstâncias a prática do letramento pode ser uma atividade **opressora**? Isto significaria que nem sempre a prática social da escrita é algo positivo?

(03)

Luzia: *Mas o que eu mais me danava porque eu não sabia ler era quando um rapaz mandava um bilhete para mim. Oh, mas era tão bom porque eu recebia o bilhete, mas era ruim porque tinha que pedir uma colega pra ler e aí ela já ficava sabendo primeiro do que eu. E eu não tinha certeza se ela tava lendo direito! E pra responder, aí é que era difícil. Mandar os outros botar no papel o que a gente tava querendo dizer.* (Luzia, 30 anos).

(Fonte da citação: Iveuta de Abreu Lopes. Op. cit, p. 100.)

Atividade 3

Quais são as práticas orais e de letramento comuns em nossa sociedade? Quando o letramento é imprescindível?

Atividade 4

Pode-se dizer que uma pessoa letrada tem mais poder social que uma pessoa não letrada? Em que consistiria esse poder social? Dê exemplos de situações que comprovam e situações que desmentem o poder do letramento.

Lendo mais sobre o tema

1. SOARES, Magda. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica. 1998.

Esta obra de Magda Soares, em três textos, aprofunda a noção de letramento dando uma visão histórica do problema e ao mesmo tempo sugerindo alternativas no tratamento do problema em relação à alfabetização. Traz aspectos históricos e sugere análises que vão além do simples enquadramento da questão no plano formal do domínio da escrita. Sua leitura pode levar ao aprofundamento das questões aqui trabalhadas.

2. KLEIMAN, Ângela. *Os Significados do Letramento: Uma nova perspectiva sobre a Prática Social da Escrita*. Campinas: Mercado de Letras. 1995. (Em especial o capítulo inicial: “Introdução: O que é letramento?”, p. 15-64).

Trata-se de uma análise da noção de letramento e das várias interpretações que o termo tomou nos últimos tempos. Analisa em particular a contraposição entre as duas visões, a ideológica e a autônoma. A primeira vê o letramento na realidade social e a segunda vê o letramento do ponto de vista das formas lingüísticas.

UNIDADE 3

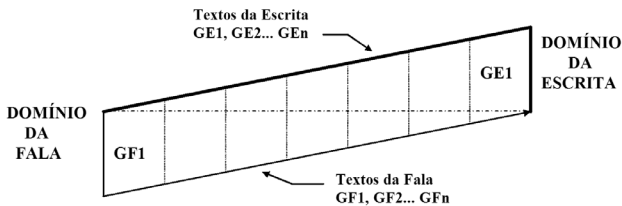
A oralidade no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a fala

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)

O capítulo 3 trata de um tema central relativo às características da fala enquanto forma de manifestação e uso da língua. Esta visão se dá numa observação não dicotômica, ou seja, não admitimos uma oposição completa entre fala e escrita. Além disso, tentamos evitar o equívoco muito comum de observar a fala na perspectiva da escrita. Assim, vamos analisar a fala em suas peculiaridades nos processos de textualização. Antes, porém, faremos algumas observações preliminares.

BLOCO I:

Uma das teses centrais neste capítulo é a de que a relação entre a fala e a escrita não se funda apenas na distinção entre *código sonoro* e *código gráfico*, mas em uma série de outros aspectos. Um destes aspectos passa pela relação que caracterizamos entre os gêneros textuais orais e os gêneros textuais escritos. Veja o gráfico abaixo:



Neste gráfico, observa-se que os usos lingüísticos se dão em *dois domínios*:

(a) DOMÍNIO DA FALA, onde estão os gêneros da fala (*GF1, GF2...GFn*)

(b) DOMÍNIO DA ESCRITA, onde estão os gêneros da escrita (GE1, GE2...GEn)

Diante disso propomos duas atividades iniciais:

Atividade 1

Utilize sua experiência pessoal e preencha com o maior número de gêneros textuais de seu conhecimento os dois domínios. Não esqueça de indicar os gêneros partindo de *maior grau de informalidade* de uso da língua falada até os gêneros com o *maior grau de formalidade* na língua falada e na linha contrária no caso da escrita. Preencha dentro de um quadro mais ou menos no formato sugerido abaixo e de maneira a se equivalerem os dois domínios. Aqui estão os dois primeiros da lista:

GÊNEROS DO DOMÍNIO DA FALA	GÊNEROS DO DOMÍNIO DA ESCRITA
• conversa ção espontânea	• bilhete

BLOCO II

Uma das idéias defendidas no Capítulo 3 é a de que tanto a fala como a escrita podem se realizar na *variedade padrão e não-padrão*, no *nível formal e informal*. É claro que isto se revela em características lingüísticas muito específicas. Tente analisar este aspecto tal como solicitado nas duas atividades abaixo.

Atividade 1:

Veja os quatro exemplos aqui apresentados. Primeiro, identifique as modalidades e os gêneros que eles realizam. Depois, faça um pequeno quadro com as características distintivas que levam você a

identificar a *linguagem padrão* ou *não padrão*, *formal* e *informal* em cada um deles.

Texto 01

Recife, sete de julho de 1995.

Juca,

Você já sabe que eu te adoro. Sobre a sua perna, não se preocupe a operação vai ser simples e sem complicações, não precisa ficar nervosa, nem apavorada, vou ficar do seu lado sempre, sempre, sempre... sempre que precisar sempre que não precisar, estarei sempre contigo.

Obrigado, por todos esses anos de convivência que você passou ao meu lado, me ajudando a enfrentar os problemas do dia-a-dia e da vida, obrigada por você ter estampado em mim um sorriso de amizade afeto e carinho .

Julio para mim é um sentimento muito forte. Não acredito que ele goste de mim, ele pode até pode gostar, mas um dia vai ter que dizer isso pra mim e nesse meio tempo das férias ele já vai ter me esquecido, isso se ele gostar de mim. Jú me faz um favorzinho: descobre o endereço de Julio pra mim, pra eu mandar um cartão de crédito pra ele! Mas não diz que é pra mim, diz que é pra você. Por favor .

Princesa, estou doida pra ir aí porque estou morrendo de saudades . Só que o velho não deicha . Tô morrendo de saudades de você, de tia Valda e de Julio (infelizmente). Vou mesmo viajar pro Estados Unidos .

Só quero esclarecer uma coisa, que eu e M. P., não tem nada haver, porque só gosto de você como minha melhor amiga. É muito bom dormir sabendo que tenho uma amiga como você.

Um super beijo!

PS: Não se esqueça do endereço de Julio.
te adoro D

(Fonte: CORPUS NELFE - E003)

O antropólogo e sua profissão

ROQUE DE BARROS LARAIA

No dia 4 de fevereiro de 1991, o Presidente da República assinou o Decreto nº 22, que dispõe sobre o processo administrativo de demarcação de terras indígenas. No artigo 2º estabelece que a demarcação deve ser precedida de identificação por um Grupo Técnico. O parágrafo 1º desse artigo diz que “o Grupo Técnico será designado pelo órgão federal de assistência ao Índio e será composto por técnicos especializados desse órgão que, sob coordenação de antropólogo, realizará estudos etno-históricos, sociológicos, cartográficos e fundiários necessários”.

Com esse Decreto, o Poder Executivo reconhece a existência e competência do antropólogo, estabelecendo um novo marco na discussão sobre a conveniência ou não de um decreto que regulamente a profissão, a exemplo do que ocorre com os sociólogos. Este ato do Governo merece alguma reflexão. Ao lado do explícito reconhecimento da profissão, deixa margem para a continuidade de uma farsa. Os antropólogos que coordenarão os Grupos Técnicos serão indicados pela FUNAI, dentre aqueles que pertencem aos seus quadros profissionais. Ora, a FUNAI tem o hábito de criar antropólogos, nomeando como tal pessoas provenientes de outras áreas do conhecimento que não estão adequadamente preparadas para o exercício da etnologia indígena e nem mesmo conhecem a teoria básica de nossa disciplina. É verdade que existem várias exceções. A constatação deste fato nos força a um recuo: voltamos a perguntar o que é um antropólogo? /.../

(Fonte: CORPUS NELFE – E054)

Texto 03

FM1: eu tenho a:... subida honra de passar a palavra a: ao potiguar quase alagoano J. A. D... que versará sobre o tema... o processo civil na constituição (risos)

FM2: ((risos))... carí:ssimo:...ministro:... (suspiro) J. J... (suspiro) através de vossa excelência... toda magistratura federal: estadual: os advogados: o superior de justiça os tribunais regionais federais... já foi saldado nu:.../ em razão do de pedido feito por sua excelência o ministro A. M. permita-me vossa excelên:cia:... ministro J. de J... que: neste momento através da figu:ra:... do meu querido ami:go: P. da R. A. ... ahm...símbolo:: de justiça e SI do: muito MAis de uma justiça e cidadania brasileira... que também apresenta a minha saudação... a to:dos que fazem o poder judiciário brasileiro especialmente aos que fazem ... com amor: dedicação?... e com o símbolo da amizade (0.3) a minha missão é: em trinta minutos... falar sobre o proce:sso e efetividade dos princípios constitucionais...os senhores estão observan:do que é: rigorosamente impossí:vel nem que:: fosse dado o poder de efetuar milagre... em trinta minutos nós discorrermos sobre os princípios constitucionais e efetividade sobre os princípios no momento atual (0.2) então temos a responsabilidade de:: estabelecermos uma síntese: para... para tratarmos do do assunto... e para isso escolhemos: um enfoque em três aspectos ...analisarmos hoje se o processo está cumprindo o dispositivo constitucional direito o direito justo... segundo se o processo um direito também constitucional de o cidadão ter os seus conflitos: soluciona:dos por intermé:dio: da: conciliação e... e terceiro (0.3) se o cidadão em face dos seus conflitos não estarem sendo solucionados a tempo e a modo... /.../

(Fonte: Projeto NURC-Recife, *Inquérito nº 259 - Tipo: EF - Data: 10.08.79 Informante nº 286 - Sexo: M - Idade: 56 (3ª faixa etária) - Formação: Direito*)

Texto 04

E: oi... Vanessa... conta pra mim uma história que tenha acontecido com você... que tenha sido interessan::te... ale::gre... tris::te...

I: bom... foi uma vez... que eu não/ num dia que eu não tinha aula... eu acordei... mas mesmo assim eu acordei cedo... eu acordei de manhã cedo... aí eu fui ao banheiro... pra escovar os dentes... chegando lá... eu morro de medo de aranha... e tinha saído debaixo do cesto de roupa suja que fica no banheiro... saiu uma aranhona assim... daque... daquelas assim... marrons... foi... grande... eu fiquei apavorada... eu dei um berro... aí/ e a aranha continuava lá... aí eu dei outro berro... e meu pai falou “corre... filhinha...” que ele já sabia que era uma aranha... já tinha idéia do que se/ fosse... o problema é que eu não saí correndo logo porque a aranha estava no meio do caminho... estava a aranha no meio... e u num canto e a porta do outro lado... aí eu tinha que pular a aranha... eu estava com medo de pular a aranha... porque... eu podia de repente pisar em cima da aranha... esmagar a aranha... sei lá... agora mesmo assim eu pulei... eu tomei coragem... e pulei a aranha... e eu fui/ eu me mandei... aí depois meus pais apareceram e mataram a aranha... e me minha mãe até me contou que... que antes de... de manhã cedo... ela tinha acordado antes de mim... e tinha... tinha visto uma teia atravessando a porta... quer dizer... devia ser a teia daquela aranha...

E: mas foi quando isso?

I: ih... meu Deus...agora é ruim de lembrar... acho que eu estava na quarta série quando isso aconteceu...

E: ahn...

I: agora eu estou na oitava... então já faz [bastante tempo...]

E: [e agora?] já melhorou o medo da aranha?

I- não... só piorou ((risos))

E: só isso?

I: só...

Fonte: Corpus de Sebastião Votre e Mariangela Rios de Oliveira - UFRJ (1994): Informante 35: Vanessa; Sexo: feminino; Idade: 14 anos; Data da coleta: 4/5/93

Siga o esquema sugerido neste quadro geral:

MODALIDADE	TEXTO 01	TEXTO 02	TEXTO 03	TEXTO 04
	Gênero			
Características lingüísticas				

BLOCO III

No Capítulo 3, apresentamos esta definição de língua falada, dizendo que a simples presença do som ainda não era uma condição suficiente para indicar que se tratava de língua falada. Veja a definição:

“Língua falada é toda a produção lingüística sonora dialogada ou monologada em situação natural, realizada livremente e em tempo real, em contextos e situações comunicativas autênticos, formais ou informais, em condições de proximidade física ou por meios eletrônicos tais como rádio, televisão, telefone e semelhantes.”

Com base nesta definição e em uma releitura do tema desenvolvido no Capítulo 3, tente resolver as atividades abaixo:

Atividade 1

Em que você poderia se basear para defender que a língua falada tem no som uma de suas condições necessárias mas não suficiente para que haja língua falada em sentido estrito? Dê alguns exemplos e explique.

Atividade 2

Considerando a definição de língua falada acima exposta, como você caracterizaria eventos discursivos listados no quadro abaixo? Justifique a sua decisão com os critérios que julgar relevantes.

EVENTO DISCURSIVO	MODALIDADE (FALA OU ESCRITA)	CARACTERÍSTICAS PARA A CLASSIFICAÇÃO
Entrevista publicada		
Sermão		
Notícia de televisão		
Notícia no jornal		
Aula expositiva		
Reportagem ao vivo		
Teatro		
Letra de música		
Filme		

BLOCO IV

Como você aprendeu no Capítulo 3, consideramos a *Unidade Comunicativa* como sendo uma noção equivalente à noção de *oração* ou *frase* na gramática tradicional, que serve para analisar a escrita, mas não é muito adequada para analisar os textos falados. Assim, a *Unidade Comunicativa* é uma espécie de *frase da fala*. Por isso essas unidades servem para a segmentação da fala. Tendo esta visão como pano de fundo para a segmentação das frases na fala, tente realizar as atividades aqui propostas.

Atividade 1

Siga o modelo sugerido na última parte do Capítulo 3, em que se apresenta um modelo de observação da fala. Tome para tanto o Texto 05, que é uma conversação espontânea entre várias pessoas. A primeira tarefa é a de indicar quais são as *unidades comunicativas*, distribuindo o texto de acordo com o modelo ao final.

Texto 05

/.../

L1 a senhora vai mamãe na CeA? (5.0) ((barulho))

L2 quando A. sai? (3.0)

L1 ela vai sair de quatro né? (2.0)

L2 o quê ? ((barulho))

L1 quatro horas né?

L2 é quatro horas eu preciso ir prá lá (4.0)

L1 M. vai prá aula agora é (3.0)

L2 o quê?

L1 M.

L2 // acho que vai sei lá (3.0) tenho um enterro prá ir e nem vou (inc.) me esqueci me esqueci (1.0) o marido da TIA / mas menina (inc.) mas eu que ainda tô com medo da minha cirurgia que foi muito sério (2.0)

L1 é:: e:eu também num gosto não

L2 mas é invenção de G. não tem nada mais não (1.0)

L1 eu não gosto de ir prá cimetério nem gripada eu não gosto não [eu sou muito cismada

L2 [oito meses já: é a ((barulho de carro)) ... enterro é muito chato muito chato e o que eu acho mais é aquele choro coisas (inc.) a gente se sente mal naquele lugar aquela cho-ra-deira (3.0)

L1 o o pessoal da família de mamãe / a gente encontra todo mundo no cemitério né o pessoal

L2 a minha irmã só C. ninguém gosta não

L1 NÃO o pes[o resto da família né todinha vai (2.0)

L2 [(inc.)

L1 eu encontro primo tio [(inc.)

L2 [que é parente né G. também é até uma falta (1.0) de caridade de consideração né

L1 se não tiver [(inc.)

L3 [VÁ MAMÃE VÁ A SENHORA NÃO QUER IR VÁ (3) ((grito de longe))

L1 tem um tio da gente que fica mangando né

L2 é G. que manga

L1 primo primo

L2 já passou do tempo já devia ter morrido a mais tempo ((risos))

L1 já tava pagando imposto (inc.) ((risos)) diz assim é (4.0)

L2 (inc.) venda “vou comprar mais não” (inc.) ignorante bicho
(3.0) G. PUra mastigada (2.0) a irmã de G. iGUALzinha (6.0)

L1 tão fazendo só coxinha agora né só coxinha mesmo?

L2 o quê?

L1 só coxinha que estão fazendo lá

L2 é:: (2.0) porque num quer não na hora não

L1 não eu vou quando eu chegar lá ela vai tá lá

L2 o quê:

L1 ela ainda vai tá por lá quando eu chegar

L2 já tá lá trabalhando

Fonte: NELFE –Conversação espontânea entre os falantes: L1 - Mulher Socióloga Solteira; L2 - Mulher Aposentada Casada; L3 - Homem Estudante Solteiro; L4 - Mulher Universitária Solteira (L1 e L3 são filhos de L2 , enquanto L4 é a documentadora e amiga da família)

MARGEM ESQUERDA		NÚCLEO COM A UNIDADES COMNNICATIVAS	MARGEM DIREITA
FALANTES	MARCAS		

Organize o Texto 05 acima neste quadro de acordo com as instruções do capítulo 3:

Atividade 2

Tome novamente o Texto 05 e identifique as estratégias utilizadas para construir o texto. Observe em particular as seguintes estratégias: (a) *repetição*; (b) *correção*; (c) *hesitação*; (d) *elipse* e (e) *paráfrase*.

Lendo mais sobre o tema:

1. CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *A língua falada no ensino de português*. São Paulo: Contexto. 1998. (Especialmente o capítulo II, p. 53-82)

Trata-se de uma obra sistemática que introduz uma série de análises voltadas para os aspectos mais estritamente lingüísticos presentes na oralidade e que se transferem para a produção textual. Traz um conjunto de dados analisados a partir dos materiais do projeto NURC. Além disso, mostra como funcionam as Unidades Discursivas na análise de dados empíricos da fala. Indicado como base para a discussão dos aspectos da gramática na fala.

2. MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez. 5ª Edição 2004. (Especialmente o capítulo II, p. 45-120.)

Uma análise dos modos de textualização na fala e uma sugestão de como tratar a passagem do oral para o escrito. Traz um modelo de trabalho e sugere formas de tratamento. Mostra em que consistem as diferenças organizacionais entre a fala e a escrita na tentativa de evidenciar que não há agramaticalidade na fala e sim outras estratégias preferenciais de textualização.

UNIDADE 4

A escrita no contexto dos usos lingüísticos: caracterizando a escrita

Luiz Antônio Marcuschi (UFPE)

Judith Hoffnagel (UFPE)

Nesta parte, você terá algumas atividades voltadas de maneira mais clara para algumas questões relativas às características da escrita, tal como exposto no capítulo 4.

BLOCO I

Você viu o vídeo que acompanha os materiais para esta coleção sobre a Fala e Escrita. Um dos aspectos interessantes é o que trata das mais diversas situações em que a fala e a escrita podem ser usadas. Veja todos os locais onde pode aparecer a fala e a escrita e siga o roteiro de atividades abaixo indicado:

Atividade 1

OBSERVAÇÃO DA PRESENÇA DA ESCRITA: Olhe ao seu redor, no caminho que você faz todos os dias para o trabalho ou para o mercado e, juntamente com os colegas, faça uma relação do tipo de escrita que se acha ali. Observe as paredes, os *outdoors*, as placas, as camisetas, os ônibus e todos os locais pouco convencionais para aparecer a escrita. Observe também se o estilo é mais formal ou informal. Veja que gêneros textuais estão ali representados. Reúna este material para uma discussão sobre as formas de escrita mais comuns em locais públicos.

Atividade 2

OBSERVAÇÃO DA CIRCULAÇÃO DA FALA: A fala circula em todos os locais, mas com alguns aspectos próprios. No geral, ela se manifesta nas relações face a face e na presença dos interlocutores. Mas há casos em que interagimos oralmente por meios eletrônicos, como o telefone. Faça um breve levantamento das formas de circulação da fala e veja as diferentes maneiras e os diferentes meios de interagir oralmente.

Atividade 3

A escrita tem um grande papel na produção e no armazenamento do conhecimento. Em especial porque ela é uma espécie de “extensão” de nossa memória. Tente identificar alguns aspectos em que a escrita apresenta grandes vantagens na nossa vida diária e em que pontos o letramento de um modo geral é bem-vindo.

BLOCO II

O código alfabético tem uma história bastante rica, mas a escrita alfabética não é a única forma de escrita que existe. Contudo, hoje em dia, a escrita alfabética está se tornando a mais comum inclusive por razões econômicas. Mas com a entrada do computador, está ocorrendo uma grande mudança nas formas de escrita. É sobre isso que você deveria agora refletir um momento nas duas questões levantadas aqui.

Atividade 1

Tome um jornal de sua cidade ou de sua região e analise a escrita presente nele e verifique quantos elementos existem ali que não correspondem à escrita alfabética. Todos os sinais gráficos da matemática e de outras áreas como a informática com seus ícones e carinhas que estão passando para a escrita impressa. Faça uma lista desses elementos não-alfabéticos e veja como a presença deles é muito alta.

BLOCO III

Atividade 1:

De acordo com o que foi discutido na seção *A escrita não se reduz a um código gráfico*, explique por que a escrita não deve ser pensada como uma simples transposição da fala para a escrita.

Atividade 2

Nenhuma escrita captura tudo da língua oral. Isto é, todas as escritas deixam de lado alguns fenômenos sonoros que estão presentes na fala. Escolha um pequeno trecho da fala de um dos professores do vídeo *Fala e Escrita*, tente fazer uma transcrição de um minuto da conversa. Há alguns aspectos sonoros que a escrita não captura?

Atividade 3

Enquanto alguns dos sons audíveis em português falado não são conservados na escrita, há outros sons que são representados por mais de um símbolo. Dê alguns exemplos que mostram esse fato. Pensando na sua própria experiência como professor, discute como isso pode dificultar a aprendizagem da língua escrita.

Lendo mais sobre o tema

1. BLANCHE-BENVENISTE, Claire. *A escrita, Irredutível a um Código*. In: Emília FERREIRO & Colaboradores. *Relações de (In)dependência entre Oralidade e escrita*. Porto Alegre: Artmed. 2004, p. 15-26.

Neste trabalho, a autora mostra como a escrita não é apenas um código gráfico para representação dos sons da fala, mas tem uma história independente da própria forma oral. Assim, a oralidade e a escrita são duas formas históricas de realização da língua e não dois códigos que apenas representam uma língua estática. Para a autora, há uma relação estreita entre a escrita e a língua que ela representa, bem como entre o som e a língua falada. Assim, as

relações entre fala e escrita são variáveis, históricas e eventualmente menos relacionadas do que se imagina. O texto é um desafio e tem posições que às vezes são diferentes daquelas defendidas nas reflexões de nosso capítulo.

2. REY-DEBOVE, Josette. À procura da distinção oral/escrito. In: Nina CATACH (Org.). *Para uma teoria da Língua Escrita*. São Paulo: Ática. p. 75-90.

Neste estudo, a autora tenta mostrar como a escrita não representa o oral e como a escrita tem uma forma própria de realização. Na verdade, a passagem do oral para o escrito vai muito além de uma simples transcodificação. Cada uma tem uma ordem própria no processo de textualização, quanto aos processos típicos da referenciação e outros.

UNIDADE 5

Estratégias de textualização na fala e na escrita

Angela Paiva Dionisio (UFPE)

Judith Hoffnagel (UFPE)

Quando falamos ou escrevemos um texto, nós nos utilizamos de diversas estratégias discursivas para produzir os nossos textos. Fazemos e refazemos os enunciados, repetimos com as mais variadas funções, deixamos transparecer o nosso envolvimento sobre o que estamos falando ou escrevendo, enfim, tudo é, de certa forma, planejado. No capítulo 5, *Estratégias de textualização na fala e na escrita*, foram abordadas três estratégias de textualização bastante frequentes na fala e na escrita, que são a *correção*, a *repetição* e a *modalização*.

BLOCO I

Após a leitura do capítulo *Estratégias de textualização na fala e na escrita*, responda às questões abaixo sobre a *correção* na construção de diferentes gêneros falados e escritos. Para subsidiar sua análise, oferecemos um conjunto de textos.

Atividade 1

Afirmamos no capítulo que “*corrigir é uma estratégia de formulação textual que se manifesta de forma diferenciada na fala e na escrita*”. Leia com atenção os textos (01), (02) e (03), observando as *correções* realizadas.

(01)

Contexto: Entrevista com um engenheiro, 28 anos, sobre a existência ou não de diferenças na fala do homem e da mulher)

01. Doc. e você? como é que você descreveria a SUA fala?
02. InfH. eita ... ((ri demonstrando nervosismo)) a minha voz é muito baixa
03. Doc. sua voz é baixa?
04. InfH. é
05. Doc. o que mais?
06. InfH. tenho uns vícios de linguagem
07. Doc. vícios de linguagem?
08. InfH. é
09. Doc. que vícios?
10. InfH. éh: ... deixe-me ver... uma coisa que eu me / me
11. fiscalizo muito é: concordância ... fiscalizo demais
12. Doc. por que você se fiscaliza?
13. InfH. porque [eu acho feio
14. Doc. [e QUANdo você se fiscaliza?
15. InfH. porque eu acho feio...quando falando de modo geral né?
16. Doc. a qual:quer: situação?
17. InfH. [[é
18. Doc. [[ou tem alguma situação que você se fiscaliza mais do que outra?
19. InfH. quando estou com vocês ((Doc e InfH riem))
20. Doc. por quê? por que somos da área?
21. InfH. é porque são da área

(Fonte: Projeto “Auto e Heterocaracterização da fala do homem e da mulher”, UFPE, 1994)

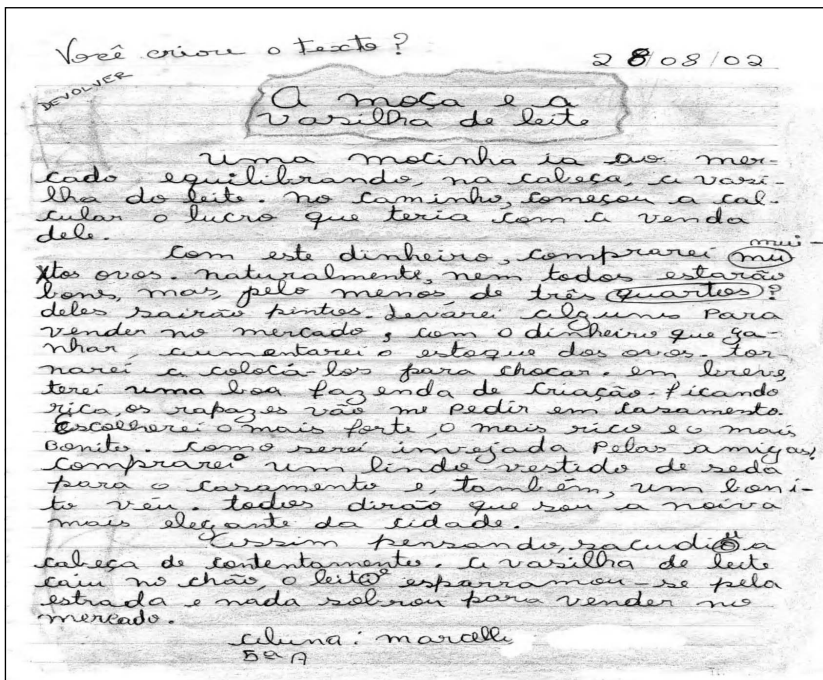
(02)

Doc. você falou da carne... como dona-de-casa...

quais são as partes... da carne que você gosta mais?
[pra ter em casa?

Inf. [áh: eu go/ assim de filé né? ((ri)) a que eu gosto mais é do filé... mas né como: filé filé nem todo compra... não dá pra comprar então... deixa ver...pra churrasco a melhor carne que eu acho é uma carne chamada picanha... que: é uma carne que fica por cima... da alcatra... e que tem assim uma camadinha de gordura que quando a gente bota no fogo derrete... fica com aquele cheiro... é uma delícia... éh:... deixa ver agora pra consu:mo... de ca:as... eu gosto muito de alcatra... acho uma carne assim que:...assim muito saborosa ... ela:... não é muito durara... e dá pra gente fazer rosbife muito facilmente... outra outro pedaço de carne que eu gosto é o contrafilé... PRINCipalmente com osso... a gente manda o açougueiro assim cortar em fatia e dá: às vezes um rosbife muito bom com o osso que eu adoro roer o osso do: contrafilé... e dá churrasco também... agora... PRA fa/ uhm: aí meu Deus do céu eu me lembrei de uma coisa... ONTEM... a/ eu mandei minha empregada comprar carne pro meu cachorro... e ela foi comprar a carne... Acontece que ela comprou um OSSO que era a coisa mais linda que eu já vi na minha vida... um osso de braço... de de parece um chambaril assim aquele... aquela coisa redonda... cheia de umas gorduras assim entremeadas e o osso no meio com um tutano... eu tomei o osso que era do cachorro ((ri)) cozinhei... ((rindo)) fiz um pirão e comi... coisa mais gostosa desse mundo... é o tal do chambaril... eu não conhecia não viu?... aí ontem eu vi... quer dizer... eu já tinha comido ali num barzinho ali na Várzea muito bom setenta cruzeiros duas pessoas... e eu fiz o o:... chambaril MAS que coisa gostosa... pronto... é um... pedaço de carne que eu... pre/pretendo comprar... no futuro... é chambaril...

(Fonte: NURC -Recife, 1997. Inq. 150/RE- 1. 245-256, pág.: 18)



Agora analise a *estratégia da correção* nesses textos, com base no seguinte roteiro:

- identifique os tipos de construção linguística de correção nos exemplos;
- analise os efeitos causados pelas correções;
- observe se esta estratégia de textualização difere nos gêneros textuais apresentados e em que diferem;
- discuta sua postura metodológica ao corrigir os seus textos;
- discuta sua postura metodológica ao corrigir os textos de seus alunos.

Atividade 2

Assistam ao vídeo **Fala e Escrita** e selecionem um trecho em que os professores Luiz Antônio Marcuschi e Angela Dionisio conversam. Formem dois grupos e observem as correções realizadas por eles. Cada grupo ficará responsável pela análise da fala de um dos professores.

BLOCO II

Releia o trecho abaixo retirado do capítulo 5:

“Na fala, onde nada se apaga, a repetição faz parte do processo de edição. Sua presença na superfície do texto falado é alta, constata-se que a cada cinco palavras em média, uma é repetida. É por isso que a repetição tem avaliação e papel diverso na fala que na escrita”, afirma Marcuschi (1996:95-96). Importante mencionar que repetir não significa dizer a mesma, “pois ela expressa algo novo”.

Atividade 1

Com base na afirmação, identifique as *repetições* e os efeitos de sentido causados nos textos (02), da atividade anterior, (04) e (05). Compare as *repetições* encontradas em (02) e (04), como as do texto (05), observando como a repetição se manifesta na escrita.

(04)

Contexto: Entrevista com uma médica, 65 anos, sobre a existência ou não de diferenças na fala do homem e da mulher

10 Inf.M eu não acho que tem ... não tem apenas a a mulher normalmente

11 é mais: mais delicada [tem sentimento

12 Doc. uhrum

13 Inf. M essa coisa ... não é?

14 Doc. é exato

15 Inf.M no todo ... não é?

16 Doc. sim de forma genérica

17 Inf.M a a a mulher tem mais sensibilidade ... não é?

18 Doc. uhrum

19 Inf.M tem mais: a educação mais apurada ... não é?

20 Doc. certo

21 Inf.M e: tem mais sensibilidade pra coisas belas en entendeu?

- 22 ...quase tudo ... só isso
23 Doc. só isso?
24 Inf.M só isso ... eu só noto essas diferenças
25 Doc. quan:[do
26 Inf.M [mas assim mesmo têm muitos homens que tem
muita sensibilidade
27 também ... muita sensibilidade

(Fonte: Projeto “Auto e Heterocaracterização da fala do homem e da mulher”. Angela Dionisio, UFPE, 1994)

(05)

O que será que as pessoas falaram primeiro?
Será que foram palavras de queixa ou dor, como “Ai” e “Ui”?
Ou será que foram exclamações de medo, para chamar a atenção dos outros, num momento de perigo, como “Socorro!”?
Será que as pessoas começaram a imitar o som das coisas, como alguns índios americanos que até hoje chamam coração de “tum-tum”?
Ou ainda, será que as pessoas começaram a falar imitando os bichos, como as crianças pequenas, que chamam os cachorros de “au-au” e os pássarinhos de “piu-oiu”?
Nós nunca vamos saber disso com certeza, mas podemos afirmar que essa invenção foi um grande sucesso...

(Fonte: *O livro das línguas*, de Ruth Rocha e Otávio Roth, editora Melhoramentos, 1992, página 7)

Atividade 2

Discuta, em grupo, a sua postura metodológica ao tratar a *repetição* nos textos escritos de seus alunos. Se possível, analise algumas produções escritas de seus alunos, observando os casos de *repetição*.

BLOCO III

Citamos no capítulo a seguinte afirmação de Koch (1996:86-87):
“*ao produzir um discurso, o locutor manifesta suas intenções e sua atitude perante os enunciados que produz através de sucessivos atos de modalização, que atualizam por meio dos diversos modos de lexicalização que a língua oferece*”.

Atividade 1

Releia os textos (01) e (04), identifique as construções lingüísticas modalizadoras e comente os efeitos de sentido causados pelas elas. Reescreva esses textos, retirando as modalizações encontradas, e veja que efeito de sentido causariam.

Atividade 2

Escolha uma *manual de instrução*, um *artigo de opinião* e uma *notícia* e verifique como se caracterizam as estratégias textuais de repetição e de *modalização* em cada um deles. Use o quadro abaixo para sistematizar as ocorrências lingüísticas.

MANUAL DE INSTRUÇÃO		ARTIGO DE OPINIÃO		NOTÍCIA	
EXPRESSÕES REPETIDAS	EXPRESSÕES MODALIZADORAS	EXPRESSÕES REPETIDAS	EXPRESSÕES MODALIZADORAS	EXPRESSÕES REPETIDAS	EXPRESSÕES MODALIZADORAS

Pode-se afirmar que os gêneros textuais empregam essas estratégias de textualização de forma diferenciada?

Lendo mais sobre o tema

1. FÁVERO, Leonor, Andrade, M. & Aquino, Z. 1999. A correção do texto falado: tipos, funções e marcas. In: Maria Helena Moura Neves

(org.) *Gramática do Português Falado*, v. VII, Campinas, Editora da UNICAMP, p. 53-75.

Neste estudo, as autoras investigam a estratégia de textualização *correção* em textos falados, procurando identificar as regularidades de contextos e tipos lingüísticos, além das funções desempenhadas pelas correções.

2. MARCUSCHI, Luiz Antônio. 1996. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: Ingedore Koch (org.) *Gramática do Português Falado*, v. VI, Campinas, Editora da UNICAMP, p. 105-141.

Neste capítulo, o autor apresenta um estudo aprofundado sobre a repetição no texto oral, focalizando as suas características, formas, posições e funções.

3. KOCH, Ingedore, 2004. *Introdução à Lingüística Textual*. São Paulo, Editora Martins Fontes, p. 103-144.

Destaca-se, na obra, o capítulo 7 e o capítulo 8, *Estratégias textual-discursivas de construção de sentido* e *As marcas de articulação na progressão textual*, respectivamente. No primeiro capítulo, a autora destaca as estratégias formulativas, metaformulativas e metadiscursivas de progressão textual, enquanto, no segundo, apresenta um item sobre articuladores metadiscursivos, em que estão inseridos, os modalizadores. Os exemplos utilizados são extraídos de textos orais e escritos.

Formas de observação da oralidade e da escrita em gêneros diversos

Marianne C. B. Cavalcante (UFPB)

Beth Marcuschi (UFPE)

Parte I – Tema em foco

1. Refletindo sobre o tema

Converse em grupo a respeito das atividades desenvolvidas por você, diariamente em sala de aula, com os alunos. Em que momentos a oralidade é trabalhada? E a escrita? Há ocasiões em que, na mesma atividade, gêneros orais e escritos estão presentes? De que forma? Em que um texto escrito se distingue de um texto oral?

2. Comentando o capítulo

No item *Das práticas sociais cotidianas para a escola: os gêneros textuais da oralidade e da escrita na/da escola*, discutimos a respeito dos gêneros que circulam dentro e fora da escola e apontamos para um possível trabalho com gêneros que transitam em domínios discursivos diversos. Após a leitura do texto, debata oralmente, primeiro em grupo e depois no conjunto da turma, os temas abaixo indicados. Sistematize as conclusões por escrito.

- a) Quais as concepções de língua e de texto exploradas no artigo? O que se diz sobre essas noções? Qual das concepções abordadas você adota em sua prática?
- b) Segundo as autoras, a função sociocomunicativa é fundamental na caracterização do gênero. Recupere os argumentos apresentados a respeito, no artigo, com base no gênero cartão e explore-os em outro gênero, oral ou escrito (aula, propaganda, lista de compras, recado, entre outros).

- c) Releia o trabalho de retextualização realizado por duas professoras do Ensino Médio a partir de uma entrevista (reproduzido no artigo aqui estudado com base em Marcuschi, 2001:103). Compare os dois textos (a entrevista e a retextualização). Quais aspectos da entrevista foram recuperados e quais não foram contemplados no texto escrito? Organize o registro de suas conclusões na forma de uma listagem. Analise, com base nelas, algumas das características da fala e da escrita.

Parte II – Vídeo em debate

Assista ao vídeo **Fala e Escrita**. Ao longo de seu diálogo, os especialistas (Profa. Angela Dionisio e Prof. Luiz Antonio Marcuschi) apresentam diversos gêneros orais e escritos. Identifique alguns deles. Após, junte-se com um colega e faça duas listas: uma para gêneros orais e outra para gêneros escritos. Na seqüência, escreva, em dupla, as principais características que você percebe nestes gêneros.

Parte III – Exercitando o tema

Nas atividades 1 e 2, enunciadas abaixo, propomos a você que compare diversos tipos de entrevista e observe como este gênero se comporta em diferentes domínios discursivos, do televisivo ao escolar. Primeiro leia alguns fragmentos de três entrevistas:

Exemplo 1: Entrevista em *talk show* - transcrita

Entrevista de Marcelo Laverne, presidente nacional da OAB, ao programa Jô Onze Meia na época do escândalo de corrupção no governo Collor, em 1992.

/.../

1. F1 oh Marcelo eu sei que você é de Alagoas
2. F2 é verdade
3. F1 e você foi PROFESSOR do Paulo César Farias”
((risos))...

4. F2 posso garantir que isso não ensinei' até porque se
5. tivesse ensinado imagine' se eu fosse professo:r de uma
6. pessoa tão talento:sa Jô...
7. F1 ele também gostava de brincar de fazer aviãozin:ho na
8. classe... ((rindo)) você foi PARANIN::FO da turma PC...
9. /.../ você sabe se por aca::so na é:poca junto ali ao/
10. aos/ às organizações estudenti:s aos grê:mios... ele era
11. tesoure:iro de alguma dessas ...
12. F1 quem mais da turma de Alagoas estudou com você?
13. F1 o PC algum dia foi comunista? /.../

Exemplo 2: Entrevista televisiva transcrita

Entrevista apresentada na TV Universitária, retirada do tópico *Em busca de uma prática: propostas de trabalho com gêneros orais e escritos na escola* do capítulo aqui estudado.

/.../

1. F1 depois da matemática o português talvez seja o maior
2. problema dos alunos que terminam carregando pro resto
3. das suas vidas uma certa briga com a gramática sobre
4. esse assunto eu vou conversar com a professora a. d.ela
5. que é doutoranda em lingüística por quê essa coisa da
6. briga... que os alunos têm com a a/ o português?
7. F2 olha a meu ver... o principa:l entrave entre o estudo da
8. língua portuguesa nas escolas de primeiro e segundo
9. grau... e os alunos diz basicamente referência ao método
10. como se se trabalha... e também à concepção de língua
11. que se é trabalhada...a língua portuguesa não é esse
12. fenômeno éh:: homogêneo... estático... que é vinculado
13. pela gramática normativa... e pela/ infelizmente... pela
14. maioria dos grandes professores de língua portuguesa
15. mas observamos que a língua evolui... a língua muda... e
16. a escola precisa mudar e evoluir pra trazer o aluno que já
17. é um falante e um usuário da língua portuguesa...a se
18. envolver com o estudo da língua portuguesa /.../

Exemplo 3: Entrevista escolar - escrita

Entrevista solicitada à 3ª série, visando entrevistar o morador mais antigo da rua do aluno. As perguntas foram elaboradas pela professora e copiadas por toda a sala para a execução da entrevista.

/.../

1. F5 qual o seu nome?
2. F6 J. S.
3. F5 qual a sua idade?
4. F6 74 anos
5. F5 há quanto tempo mora neste bairro?
6. F6 desde que nasci
7. F5 o bairro mudou muito?
8. F6 muito, não tinha tantos prédios, nem carros, nem violência
9. F5 obrigada /.../

- 1) Como podemos perceber, as duas primeiras entrevistas circulam no domínio midiático, mas têm características diferentes (quanto ao grau de formalidade, marcas de oralidade mais freqüentes, participação dos interlocutores em cada uma das situações). Com a ajuda de um colega, destaque algumas dessas características e registre-as por escrito.
- 2) Em grupo, compare agora as entrevistas 2 e 3, que fazem parte de domínios discursivos diferentes midiático e escolar, respectivamente, e indique em que elas se aproximam e em que se distanciam (por exemplo, quanto aos propósitos comunicativos, aos objetivos, ao destinatário, à forma de apresentação do entrevistado, entre outros aspectos). O grupo deve eleger um relator, que irá expor para os colegas suas conclusões. Discuta sobre os pontos comuns e divergentes identificados nas entrevistas pelos vários grupos.

- 3) Para o desenvolvimento dessa atividade, percorra as seguintes etapas:
- a) Em dupla, estabeleça com um colega uma propaganda a ser estudada, na modalidade oral e na modalidade escrita, que pode ser a de um determinado supermercado, automóvel, perfume, sabonete, pasta de dentes, revista, jornal, remédio, brinquedo, bebida, comida, entre outras possibilidades.
 - b) Em seguida, defina quem fica encarregado de gravar, de uma rádio, a propaganda, e quem é responsável por pesquisá-la em jornais e revistas (importante: a propaganda deve ser a mesma, ou seja, mesmo produto e marca).
 - c) De posse dos materiais, analise com seu interlocutor as características assumidas pela propaganda na modalidade oral, comparando-as com as da modalidade escrita. Debata e sistematize com seu colega, por escrito, essas características.
 - d) Após, definam conjuntamente algum objeto que vocês gostariam de vender. Pode ser um celular, um relógio, um rádio, um CD, uma estante, um fogão, ou outro, da preferência de vocês. Elaborem então uma propaganda, anunciando a venda do produto. Determinem quem vai produzi-la para ser veiculada em uma rádio, ficando a outra pessoa encarregada de redigi-la para ser publicada em um jornal ou revista.
 - e) No momento seguinte, debata e sistematize com seu colega, por escrito, não apenas as estratégias linguísticas adotadas tanto no texto escrito quanto no oral, mas também os passos dados e as decisões tomadas por vocês no decorrer do processo de elaboração da propaganda, sempre tendo em vista as características da oralidade e da escrita.
 - f) Ao término, proponha, sempre em dupla, uma atividade a ser desenvolvida em sala de aula com seus alunos, que contemple todos os passos percorridos por vocês no estudo da

propaganda e que tenha como objetivo principal analisar as relações fala x escrita. O gênero selecionado para a atividade pode variar. Pode ser, por exemplo, uma reportagem, uma entrevista, entre outros. Registre seu trabalho por escrito.

- 4) Em grupos de quatro a cinco pessoas, leiam o trecho abaixo, extraído do Projeto NURC/RS¹, Aula 13, Inquérito 278 (apud Marcuschi, 2005, p. 56-57²). Como vocês podem observar, trata-se de uma aula, na qual o professor desenvolve reflexões sobre o tema avaliação. Após a leitura, sublinhem no texto os conceitos e aspectos trabalhados pelo professor e pelos alunos a respeito do tema. Na seqüência, redijam um relato escrito sobre a aula, retirando as marcas de oralidade incluídas na transcrição das falas. Suponham que esse relato será posteriormente lido por um colega que não assistiu à referida aula. Isso significa que o texto deverá contemplar as explicações e comentários básicos do professor e dos alunos. Em seguida, cada grupo apresenta sua versão para o conjunto da turma. Discutam então as soluções encontradas e as etapas percorridas na produção textual, sem perder de vista o processo de retextualização do texto oral para o escrito. Elaborem conjuntamente uma lista das principais conclusões a que vocês chegaram a respeito das estratégias desenvolvidas por vocês no decorrer da retextualização. Comparem a sistematização estabelecida por vocês com a apresentada no artigo estudado nesse capítulo. Se você quer saber mais sobre o tema, leia também o artigo *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*, de Marcuschi (2001b) indicado adiante, na *Parte IV, Lendo mais sobre o tema*.

¹ Projeto Norma Urbana Culta – Rio Grande do Sul.

² MARCUSCHI, L.A. 2005. O diálogo no contexto da aula expositiva: continuidade, ruptura e integração. In: PRETI, Dino (org.) *Diálogos na fala e na escrita*. São Paulo, Associação Editorial Humanitas, p. 45-83.

Exemplo 4: Aula sobre avaliação

/.../

1. Prof. qual seria a relação ... que vocês podem:: inferir ...
2. quando:: nós falamos inicialmente em:: instrumen-
3. tos DE avaliação ... e colocamos depois como se-
4. quência natural da aula ... níveis de (consecução)
5. dos objetivos?... por que isso ? qual (é) a relação que
6. vocês poderiam ... fazer aí ?...
7. AL: ((tossiu)) ...
8. Prof. ninguém ajuda ?
9. AL: (pelo que eu entendi) a avaliação deve estar (relacio-
10. nada) com os níveis ...
11. Prof. com:: ?
12. AL: () (objetivos) porque:: (ela cria) () ...
13. Prof. certo ... exatamente ... então quando nós falamos ... - -
14. (está muito obrigado) - - quando nós falamos em
15. instrumentos de avaliação ... nós logo devemos pen-
16. sar.../.../ vocês seguramente já ouviram falar ... e se:: ...
17. ãhn não ouviram podem dizer porque nós estamos
18. aqui:: ... para:: esclarecer as dúvidas que vão surgin-
19. do:: em taxionomia... pergunto... se es/ essa palavra é
20. conhecida ta-xi-o-no-mia ... se essa palavra é conheci-
21. da ou se constitui noviDAde ...
22. AL: (já ouvi falar)
23. Prof. já ouviu falar ... conhece esse nome ... taxionomia ...
24. AL: () ...
25. Prof. só de nome bem ... éh:: ... essa palavra taxionomia ...
26. quer diz/ refere-se mais ou menos a uma classifica-
27. ção ... eu digo mais ou menos porque nós vamos ver
28. qual é a diferença que existe ... entre uma taxionomia
29. e uma classificação ... /.../ então vamos ver ... vamos
30. ajudando ... taxionomia é uma classificação... mas é
31. MAIS do que uma classificação ... mas ...
32. AL: sistemática ?
33. Prof. sistemática ... pode ser ...

34. AL: (ordenada ?)
35. Prof. como ?
36. AL: ordenada ...
37. Prof. é uma classificação ordenada ... (ou seja) ...
38. AL: (exata) ... () ...
39. Prof. seqüencial ...
40. AL: ela pode ser hierarquizada ? (não pode ?)
41. Prof. hierarquizada ... hierarquizada::
42. AL: de acordo com (relações naturais) ...
43. Prof. certo ... de acordo com certas [relações ...
44. AL: [relações ...
45. Prof. então eu posso dizer ... eu posso () classificar OS li-
46. vros
47. ... posso classificar ... uma tur-ma ... eu posso classifi-
48. car ... ãhn:: os alunos ... MAS estabeço taxionomia
49. ... quando a minha classificação ... ãhn se apresenta
50. com:: características sistematizadas quando apresen-
51. ta -se ... apresenta Níveis ... que vão do mais simples
52. ao mais complexo
- /.../

5) Releiam e debatam, em grupos de quatro pessoas, os passos percorridos na seqüência didática elaborada para o gênero carta, apresentada no tópico *Em busca de uma prática: propostas de trabalho com gêneros orais e escritos na escola* do artigo aqui estudado. Após, vocês irão organizar uma seqüência didática, que tenha como foco outro gênero textual. Para tanto, considerem a seguinte situação comunicativa: suponham que a infra-estrutura da escola em que vocês trabalham apresenta sérios problemas (faltam cadeiras para os alunos, não há giz para o quadro, o telhado apresenta muitas goteiras etc.); como forma de expor esse problema estrutural, vocês pretendem estimular os alunos a publicarem um texto no jornal organizado pelo grêmio estudantil; selecionem um gênero textual adequado à situação (carta do leitor,

editorial, notícia, reportagem, entrevista etc.) e ao suporte jornal impresso ou jornal mural; planejem os mesmos passos propostos por Schneuwly & Dolz (2004). Considerem que os alunos irão escrever uma primeira versão do texto e, a partir dela, irão reescrevê-lo em função de aspectos específicos a serem ensinados e aprendidos (forma composicional, organização textual, etc.).

Parte IV – Lendo mais sobre o tema

DOLZ, Joachim, NOVERRAZ, Michèle & SCHNEUWLY, Bernard. 2004 [1997]. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In SCHNEUWLY, B. & DOLZ, J. e colaboradores, *Gêneros orais e escritos na escola*. Campinas, Mercado de Letras, p. 95-128.

Neste capítulo, é apresentada a proposta de sequência didática como um procedimento de trabalho com gêneros orais e escritos em sala de aula. Partindo da definição e caracterização da sequência didática, os autores mostram todas as etapas envolvidas na sequência didática, desde a apresentação da situação até a produção do texto final. Além disso, o capítulo aborda também o tipo de avaliação de aprendizagem desenvolvida ao longo do processo bem como os princípios teóricos que norteiam essa atividade.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2001a. Da fala para escrita: processos de retextualização. Capítulo II. In _____ *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. 4ª ed. São Paulo, Cortez, p. 45-125.

Neste capítulo, é apresentada, pelo autor, sua proposta de trabalho com a oralidade e a escrita, envolvendo a definição do processo de retextualização e as etapas envolvidas neste processo. Algumas distinções fundamentais são feitas a respeito do que se conceitua como transcrição e retextualização, mostrando que não são termos sinônimos. Destaca alguns estudos envolvendo a editoração de textos orais para escritos, e, por fim, descreve, passo a passo, com exemplos, todas as operações envolvidas na retextualização.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. 2001b. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco falada. In DIONISIO, Ângela Paiva e BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.), *O livro didático de português: múltiplos olhares*. Rio de Janeiro: Lucerna, pp. 19-32.

Nesse artigo, o autor caracteriza a oralidade como objeto de aprendizagem, que pode e deve ser trabalhado na escola. Ao longo do texto, Marcuschi explicita, de forma clara e didática, algumas noções a serem exploradas no espaço escolar, na sua relação com a linguagem oral, tais como: variação, norma, padrão, dialeto, variante, sotaque, registro, estilo, gíria. Chama igualmente atenção para os níveis de uso da língua e suas realizações, que vão desde o uso mais formal ao coloquial. De forma a exemplificar suas reflexões, o autor analisa o tratamento dispensado à oralidade em livros didáticos de língua portuguesa, mostrando algumas inadequações que ainda persistem no estudo da fala. Para não permanecer apenas na crítica, Marcuschi lista uma série de sugestões bastante úteis, que podem ser encaminhas pelo professor em sala de aula, na análise da língua falada.

As relações interpessoais na produção do texto oral e escrito

*Cristina Teixeira Vieira de Melo
e Maria Lúcia Figueiredo Barbosa*

PARTE I – Tema em foco

1. Refletindo sobre o tema

1.1. Você já parou para pensar o quanto a sua fala se modifica em função do seu interlocutor real? Não falamos com os nossos alunos ou com nosso colega de trabalho da mesma forma que falaríamos, por exemplo, com um médico ou um juiz. Por isso dizemos que o interlocutor (ouvinte/leitor) se inscreve no texto não apenas no momento da recepção, mas no instante mesmo da produção textual, sendo esta uma realidade incontornável dos usos da linguagem. Dessa forma, a interação verbal constitui a realidade fundamental da língua. Pensando nisso, e levando em consideração aspectos como, circunstâncias, grau de intimidade entre os participantes, papéis sociais assumidos, gênero realizado e assunto abordado, comente as características das seguintes situações comunicativas: a) Interação médico/paciente, b) Conferência, c) Troca de cartas entre amigos, d) Bate papo na internet.

1.2. Você também já havia notado que, geralmente, os participantes de uma conversação face a face cooperam, para que a imagem pública de ambos seja mantida no curso das interações verbais? Para tanto, recorrem a rotinas de polidez lingüística. Saudações, desculpas, despedidas, agradecimentos, elogios são exemplos de ações da polidez lingüística utilizadas cotidianamente nas mais diferentes situações em que dois ou mais indivíduos se encontram um diante do outro. Indique expressões comumente usadas pelas pessoas para se desculpar, agradecer, elogiar.

2. Comentando o capítulo

Logo no início do capítulo “As relações interpessoais na produção do texto oral e escrito”, assumimos que a interatividade é uma propriedade geral de todo e qualquer uso da língua, pois ninguém escreve/fala sem ter em mente um leitor/ouvinte. Dessa forma, postula-se que os chamados indícios de interatividade estão presentes não apenas na fala, mas também na escrita. Porém, como a língua é dinâmica, nem todos os textos apresentam marcas de interatividade na mesma intensidade. Portanto, a primeira noção teórica trabalhada no capítulo diz respeito às *marcas de interatividade* (MARCUSCHI, 2001).

Por sua vez, a presença maior ou menor de marcas de interatividade nos textos dependerá de uma série de fatores, como por exemplo, o gênero textual em foco, o grau de envolvimento e intimidade entre os participantes, a natureza do assunto abordado etc. No centro dessa questão está a noção de *envolvimento* – envolvimento do falante consigo mesmo, envolvimento do falante com o ouvinte e envolvimento do falante com o assunto (cf. TANNEN, 1985). A noção de envolvimento é um outro aporte teórico trabalhado no texto.

Um terceiro conceito abordado no capítulo é o de *preservação de faces*. Estudos como os de Goffman (1974) e Brown e Levinson (1987) apontam para o desejo de aprovação social e reconhecimento por parte dos participantes de uma interação social. A fim de conseguir esse reconhecimento, os interagentes realizam uma série de movimentos no curso da interação a fim de preservar a sua auto-imagem pública (preservação das faces) e não arranhar a imagem do outro, pois, sustenta-se que, na medida em que o falante não ameaça a face do ouvinte, este não ameaça a face daquele.

Mas nem sempre os interlocutores conseguem preservar as faces dos outros nem as suas próprias faces. Esse fato confere à conversação um *status* de atividade potencialmente conflitante. Para atenuar esses possíveis conflitos, recorremos a estratégias de *polidez lingüística* cuja função é apoiar as nossas relações interpessoais. O conceito de polidez é também desenvolvido no capítulo 7.

Por fim, esperamos que fique claro que todos estes aspectos (envolvimento, marcas de interatividade, estratégias de polidez, preservação das faces) precisam ser abordados quando se quer mostrar como as relações interpessoais interferem na textualização do discurso.

Após se familiarizar com os conceitos acima listados, procure desenvolver as atividades abaixo:

- 2.1. Reflita sobre a afirmação de que interatividade e diálogo não são sinônimos e se manifestam de forma diferenciada na língua. Tente explicar porque é possível ser interativo sem dialogar, mas não o contrário. Dê exemplos de interações em que há interação, mas não há diálogo.
- 2.2. No capítulo 7, é dito que formalidade (questão de estilo) não acarreta necessariamente distanciamento do interlocutor, nem elimina automaticamente as marcas de interatividade. Pegue um texto acadêmico (artigo, monografia, dissertação, tese) e procure as marcas de interatividade presentes.

PARTE II – Vídeo em debate

Recomendações para o tutor

No vídeo do curso sobre Fala e Escrita, há trechos em que os entrevistados se dirigem diretamente ao telespectador (mediados pela presença da câmera e do diretor/entrevistador). Há também momentos em que eles se dirigem explicitamente um ao outro, passando a palavra a seu interlocutor (entrega de turno) ou retomando algo que este já falou. Por outro lado, há momentos em que um toma (ou tenta tomar) a palavra do outro (assalto ao turno). Ainda há uma série de recursos usados, ora pelo professor Marcuschi, ora pela professora Angela (gestos, expressões faciais, breves verbalizações sobrepostas à fala do interlocutor etc.) que interferem na produção da fala do outro.

Antes de assistir à fita comente todos estes aspectos com a turma e peça que prestem atenção nas estratégias usadas pelos entrevistados para demonstrar que estão interagindo com seu par conversacional, bem como envolvidos com o tema da conversa. Depois de explicitadas estas observações, encaminhe as atividades abaixo listadas e só depois assista à fita.

- Tente identificar na fita trechos em que os entrevistados se dirigem diretamente ao telespectador.

- Aponte os vários momentos em que os gestos, os olhares, as expressões dos interlocutores indicam que eles estão atentos ao que o outro fala, confirmando o que está sendo dito, bem como solicitando que o seu par tome a palavra.
- Indique os momentos em que há entrega de turno de um falante para outro, assalto ou tentativa de assalto ao turno.

PARTE III – Exercitando o tema

Recomendações para o tutor

Para realizar a primeira atividade abaixo descrita, é necessário gravar anteriormente uma entrevista (do rádio ou da TV) e depois exibi-la à turma.

- Retomando o que o capítulo 7 fala acerca dos papéis desempenhados por entrevistadores e entrevistados em entrevistas orais, reflita sobre questões como: o controle exercido pelo entrevistador em relação ao entrevistado e a solicitude deste em relação às perguntas que lhe foram destinadas por aquele; o cuidado que ambos têm com a preservação da sua auto-imagem bem como com a imagem do outro (preservação das faces), as estratégias de polidez utilizadas, os recursos de envolvimento presentes, as marcas de interatividade, a escolha do registro, a pertinência das perguntas e das respostas.
- Leia o exemplo e os comentários abaixo especificados e depois responda às questões:

Exemplo 1

Contexto: Registro no caderno de Correspondência Família/ Escola de interação entre mãe de aluno e professora de escola do Ensino Fundamental I.

1. 08/05
2. Prof^a Lucicleide,
3. Na avaliação do I bimestre de Português, no quesito 2 da 2^a parte, a resposta que você não entendeu é uma muda (de
- 4.

5. planta), o presente que Juan gostaria de dar à escola. Ele
6. perdeu ponto?
7. Gorete Linhares.
- 8.
9. 08/05
10. Comunicamos que a questão da prova foi anulada porque a
11. resposta ficou incompleta (uma muda, do quê?)
12. Prof^a Lucicleide
- 13.
14. 09/05
15. Prof^a Lucicleide,
16. Desculpe a insistência com relação à questão da prova. Mas
17. a resposta, no meu entendimento, não está incompleta. Uma
18. “muda”, no caso, não pode ser “muda” de deficiente, a que
19. não fala; só pode ser uma muda de planta, pois é, um termo
20. comum para designar um “broto” ou “filhote” de planta.
- 21.
22. 10/05
23. Mamãe,
24. Assim como você falou, uma muda pode ser de planta, ou
25. muda deficiente, se a resposta seria muda de planta ele deve-
26. ria ter especificado. Achei sem sentido ele dar uma muda de
27. presente, no momento que corrigi achei até que ele havia es-
28. crito a palavra errada, ou seja, escreveu uma coisa e queria dar
29. outra de presente. Vou conversar com ele para que seja mais
30. claro em suas respostas. A pasta de provas fica com você.
31. Profa. Lucicleide
- 32.
33. Compreendo que tenha achado estranho. Mas Juan tem vi-
34. vência com atividades relacionadas ao “campo” e “meio
35. ambiente”, onde é muito comum a expressão. Por essa razão,
36. ele considera ter dado uma resposta completa, sem mais ex-
37. plicações. Acho que é preciso procurar entender o que a
43. criança quer dizer, considerando seu universo vocabular e o
44. entendimento que tem sobre as expressões que utiliza. Um
45. bom caminho, talvez, antes de anular uma resposta do aluno,
38. porque não entendeu, é conversar com o aluno para com-

39. preender melhor sua resposta. Talvez, esse fosse o caso da
40. questão de Juan. Obrigada,
41. Gorete.
- 42.
43. Solicito que Juan traga a prova em questão amanhã, para
44. que seja discutida a resposta em conjunto com a coordena-
45. ção.
46. Profª Lucicleide.
47. A questão da prova foi considerada correta. No segundo
48. bimestre, na prova de Português ele terá + 1.
49. Profª Lucicleide.

No geral, o propósito comunicativo do gênero Correspondência Família/ Escola é registrar comunicados e/ou avisos dos pais para a escola ou da escola para os pais e não servir como suporte para uma interação de fato dialogada, ou seja, uma interação em que há uma troca de papéis comunicativos entre os participantes. No entanto, no exemplo acima, retirado de um caderno de Correspondência Família/ Escola, o caráter dialogal da interação em curso fica evidenciado em especial pelas trocas de turno entre a professora e a mãe do aluno, ora uma assume o papel de escrevente, ora de destinatário.

- Peça à turma para listar quantas trocas de turno acontecem, indicando também quais as pistas textuais que servem para identificar quem é o emissor e o destinatário de cada mensagem.

No capítulo 7 do livro *Fala & Escrita*, vimos que as rotinas de polidez lingüística são utilizadas cotidianamente nas interações com o objetivo de sustentar as relações interpessoais. Mas nem sempre os interlocutores conseguem preservar a sua face e a do outro, o que confere à conversação um *status* de atividade potencialmente conflitante. No exemplo 1, vemos que, em virtude da discordância estabelecida entre a mãe do aluno e a professora, à medida que o diálogo progride, tanto uma como a outra sentem que sua face está sendo ameaçada. Em conseqüência, as estratégias de polidez vão se modificando ao longo da interação.

- Divida a turma em duplas; um membro da dupla deve indicar quais as estratégias de polidez usadas pela mãe do aluno durante o diálogo, e o outro, as estratégias da professora. Ainda seguindo a divisão proposta acima, um componente da dupla deve indicar quais os trechos de fala em que a mãe ameaça a face da professora, e outro, os trechos em que a professora ameaça a face da mãe.

Traga para a sala alguns bilhetes e leve à turma a perceber que, na maioria das vezes, esse gênero também se destina a comunicar, registrar, pedir, solicitar, ordenar algo, não se fazendo necessária a instalação de um diálogo entre os interlocutores. Contudo, lembre que isso se trata de uma *regularidade* e não de uma *regra*, pois, há momentos em que as pessoas conversam entre si trocando bilhetinhos, situação, de certa forma, até comum em sala de aula.

- Leve a turma a comparar o propósito comunicativo do gênero Correspondência Família/Escola e o do bilhete a fim de apontar as semelhanças e diferenças entre ambos. Posteriormente faça com que a turma discuta os motivos pelos quais muitas vezes os alunos trocam bilhetinhos uns com os outros durante as aulas.

Antes de realizar esta nova atividade, explique ao grupo o que é uma carta à redação (ou carta *de* leitor) e uma carta *ao* leitor. A *carta à redação* ou *carta de leitor* é uma carta enviada pelos leitores à redação de um jornal ou revista, comentando algo que foi publicado nas edições anteriores. Já a *Carta ao leitor* é de responsabilidade dos editores de uma publicação, dirigida ao leitor, apresentando o conteúdo do que está sendo veiculado na publicação.

Fornecida essa explicação, solicite que, em grupo, todos leiam as três cartas abaixo transcritas e, por fim, respondam às questões indicadas para discussão:

Exemplo 2:

Contexto: Carta pessoal remetida por uma adolescente à amiga da mesma idade.

- | |
|--|
| <ol style="list-style-type: none">1. Cínthia, 23 de setembro de 20002. Oi, Kátia!!! Que saudade de você sua maluca!!! E aí, como vai a vida? Filosofando, quer dizer, estudando bastante?!! |
|--|

3. Como é que tá no colégio? Tá gostando das aulas? E sua
4. família, como ta? Dê um grande abraço no Titico, falô?!!
5. Bem, por aqui ta tudo bem. Ontem fomos à casa de praia de
6. Heleninha. Foi ótimo lá, bom d+. Chegamos ontem à noite e
7. já estou com saudades do lugar. Tinha de
8. tudo lá além daquele marzão na nossa frente: piscina, ping-
9. pong, quadra de vôlei etc.
10. Estou no meio de uma aula chata e resolvi dar um alô, mas
11. não posso me demorar escrevendo.
12. Amiga, tô com uma saudade danada de você, *sácoméquié?*
13. Olha só, não demore pra escrever, dê notícia!! Escreva logo!!!
14. Me conte tudo de você. Quero saber tudo, deixa de ser pre-
15. guiçosa e escreve!!!.
16. Beijo,
17. Cínthia
- 18.
19. Ah! Da próxima vez vou lhe mandar umas fotos do final de
20. semana na praia. Você vai ver como o lugar é liiiiiinnnnndo.

Exemplo 3:

Contexto: Cartas de leitores extraídas da seção *Super leitor*, da revista *Superinteressante* (fev 2002, ed. 173, p. 12-13)

1. **LEITORES EM DEBATE**

2. O leitor Ubiratã Caldeira (SUPERLEITOR, janeiro, p. 12) disse
3. que a Super não deveria ter publicado uma matéria sobre a maco-
4. nha pois só serviria para “gerar dúvidas entre adolescentes mal-
5. informados”. Parece desconhecer a linha da revista, que discute
6. temas polêmicos – apresentando os seus prós e contras.
7. Adriano Maggioli, via internet
- 8.
9. Ubiratã deve viver numa montanha, alheio aos aconteci-
10. mentos do mundo. Se existem adolescentes mal-informados
11. é por culpa de pessoas cheias de tabus como ele.
12. Élide de Oliveira, via internet

Exemplo 4:

Contexto: Carta ao leitor extraída da revista *Atrevidinha*, ano I, nº 5

1. A primavera é a estação mais linda do ano, você não
2. acha? Não existe época melhor pra gente se soltar, fazer
3. amigos e curtir um clima gostoso em família. Por isso, a
4. **Atrevidinha** deste mês traz duas matérias superlegais sobre
5. amizades e relacionamentos com a mãe. E tem mais: os famo-
6. sos revelam seus sonhos secretos na seção *Popstars* e o
7. Guilherme Berenguer abre o coração numa entrevista exclu-
8. siva. Nota 10! E não perca a superpromoção Meus Prêmios,
9. que vai levar você para um dia inteirinho no Hop Hari, com
10. shows do Felipe Dylon e do COM 22. Para finalizar, um
11. superbeijo para a leitora Nathalia Guarienti, que criou o fã-
12. clube *Atrevidinha* (www.blig-da-nathi.blig.com.br), e para
13. todas as fofas que estão nos enviando cartas, fotos, dese-
14. nhos e e-mails. Vocês são demais!
- 15.
16. Mil beijinhos,
17. Sílvia

Todos os exemplos acima estão inseridos dentro de uma categoria maior denominada *carta*, no entanto, cada um possui especificidades que o definem como um gênero próprio, diferenciado dos demais (carta pessoal, carta à redação, carta ao leitor).

- Aponte em que pontos as diferentes cartas acima se aproximam e se distanciam uma das outras em relação a itens como propósito comunicativo, tipo de relacionamento estabelecido entre escrevente e destinatário, ambiente de circulação do texto (público ou privado), nível de linguagem empregado etc.

Os jovens, quando escrevem, buscam acentuar um contato paudado na descontração, na espontaneidade, na intimidade/proximidade. Para tanto, fazem uso de uma série de estratégias que podem ser consideradas marcas de interatividade.

- Peça que a turma indique quais as marcas de interatividade presentes no exemplo 2.

A presença de marcas de interatividade em maior ou menor quantidade nos textos depende, entre outros fatores, do grau de envolvimento entre os interlocutores e do gênero em questão. Tendo em vista a *carta pessoal* ser um gênero em que os interlocutores buscam criar e consolidar relacionamentos falando de si e mostrando-se interessados em conhecer o outro, costuma ser elevado o índice de estratégias de auto-envolvimento e de envolvimento com o leitor presentes nesse gênero. Já com relação à *carta ao leitor*, o envolvimento com o assunto é o fator que se sobressai, pois, nesse espaço textual, o editor busca dar a conhecer os assuntos abordados no seu jornal ou revista. Algo parecido ocorre na *carta de leitor*, já que neste espaço os leitores objetivam reafirmar ou se contrapor a uma notícia, relato ou opinião veiculada em um jornal ou uma revista.

- Solicite que, em grupo, as pessoas encontrem, nas três cartas acima, marcas gramaticais e discursivas que apontam para diferentes formas de envolvimento (auto-envolvimento, envolvimento do escritor com o leitor, envolvimento do escritor com o assunto); paralelamente faça com que todos reflitam porque determinadas estratégias estão mais presentes num tipo de carta do que em outro.

PARTE IV – Lendo mais sobre o tema

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. 2004. O oral como texto: como construir um objeto de ensino. *Gêneros Oraís e Escritos na Escola*. São Paulo: Mercado de Letra. p. 149 a 185.

Este capítulo contempla o ensino formal do oral na escola sob uma perspectiva pedagógica e didática. Mostra a importância do trabalho com gêneros orais públicos, os quais exigem controle consciente e voluntário dos seus usuários. Os autores chamam a atenção também para o desdobramento produzido nos gêneros formais quando estes entram no domínio da escola, passando assim a serem objeto de comunicação e de aprendizagem.

SILVA, A.S. 1999. Polidez na Interação Professor/Aluno. IN: PRETI, D (org.). *Estudos de Língua Falada: variações e confronto*. Humanitas FFLCH/USP. p 109 a 129.

Este artigo mostra como as faces de professores e alunos são ameaçadas no cotidiano da sala de aula. Ao longo do texto, o autor mostra algumas estratégias de polidez lingüística utilizadas pelos docentes e discentes com o objetivo de atenuar as ameaças às faces de si e dos outros. Em outros momentos, a preservação das faces desses atores sociais torna-se precária diante de ameaças constantes; sendo assim, a polidez torna-se imprescindível no contexto da sala de aula.

Multimodalidade discursiva na atividade oral e a escrita

Angela Paiva Dionisio (UFPE)

Bloco I

Afirma-se, no capítulo 8, que “em todas as situações comunicativas, usamos os nossos sistemas de conhecimentos para orquestrar da forma mais harmônica possível todos os recursos verbais (escritos ou orais) e os recursos visuais (estáticos ou dinâmicos) existentes nas interações comunicativas em que estamos inseridos. Assim, referimo-nos à multimodalidade discursiva como um traço constitutivo a todos os gêneros textuais escritos e orais. Conseqüentemente, recursos visuais e verbais precisam ser vistos como um todo, no processamento dos gêneros textuais.”

Atividade 1

Assistam ao vídeo **Fala e Escrita** e selecionem um trecho em que os professores Luiz Antônio Marcuschi e Angela Dionisio conversam. Observem os gestos realizados por eles nos seguintes momentos: (i) gestos realizados durante a própria fala e (ii) gestos realizados durante a fala do outro. Quais os sentidos dos gestos realizados? Estão associados a expressões linguísticas com qual função?

Atividade 2

Assista aos depoimentos da professora Euládia Ferreira de Moura, no vídeo **Fala e Escrita** e comente as expressões faciais, a entoação, os gestos empregados e suas correlações com os enunciados verbais.

Bloco II

No capítulo 8, afirma-se que “todos os elementos visuais e suas disposições nos textos podem ser analisados, uma vez que desempenham um trabalho persuasivo. A composição de um texto visual envolve a escolha de estratégias, dando formas ao que se apresenta numa página, dirigindo a atenção dos leitores numa relação intertextual.”

Atividade 1

Escolha um trabalho que você escreveu para uma disciplina, um curso de especialização, ou para uma aula que você ministrou. Justifique as suas escolhas em relação ao papel (tamanho e cor), às fontes (tamanhos e estilos), à indicação de parágrafos, à presença de números, etc.

Atividade 2

Escolha um livro didático ou um *software* educacional de Língua Portuguesa e analise o projeto gráfico-editorial, observando:

- a) a funcionalidade do sumário para localizar as informações;
- b) a estrutura hierarquizada (títulos, subtítulos etc.), entre os itens da unidade de estudo, sinalizada por meio de recursos gráficos;
- c) a adequação das imagens (fotografias, ilustrações, telas de pintura, retratos, tabelas, gráficos etc.) à finalidade para a qual foram apresentadas.

Agora, escolha um outro livro didático ou um software educacional de uma disciplina que você nunca ministrou. Faça a mesma análise. Depois estabeleça um confronto entre os livros, indicando os aspectos que você acha que favorecem a aprendizagem e os aspectos que atrapalham a aprendizagem.

Atividade 3

Em pequenos grupos, escolham uma revista de divulgação científica (*SuperInteressante*, *Galileu*, *Nova História*, *Ciências Hoje das Crianças*, entre outras) e selecionem um texto para analisar.

- a) Indiquem os elementos visuais do texto (Qual o tamanho da página? Qual o seu formato da página? Como está o uso de cores?).
- b) Indiquem as relações entre elementos visuais do texto (Como se dá a distribuição dos elementos visuais (no centro, na lateral, no pé da página, etc? Qual o formato das letras da página? Quais as variedades de tipo e tamanho das letras e quais as funções dessas variações?).
- c) Contextualizem os elementos visuais (Que expectativas a organização visual desse texto causou a você?).

Lendo mais sobre o tema

1. DIONISIO, Angela. 2005. Gêneros Multimodais e Multiletramento. In: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (orgs.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. Palmas e União da Vitória, PR: Kayganguê, p. 159-177.

Neste capítulo, a autora ressalta que, na sociedade contemporânea, a prática de letramento da escrita, do signo verbal, deve ser incorporada à prática de letramento da imagem, do signo visual. Precisamos, então, falar em letramentos, no plural mesmo, pois a multimodalidade é um traço constitutivo do discurso oral e escrito. Três aspectos são tratados: (i) Multimodalidade: *traço constitutivo do texto falado e escrito* (ii) Informatividade visual nos gêneros textuais escritos: *variações num contínuo* e (iii) Gêneros Multimodais e Multiletramento: *algumas reflexões metodológicas*.

2. VAZ, Paulo Bernardo. 2001. Comunicação na educação: palavras e imagens. *Revista Presença Pedagógica*, v. 17, número 40, Julho-agosto, p. 36-45.

Este artigo, o autor se detém numa análise detalhada do design gráfico do livro didático, destacando as razões atribuídas às ilustrações em materiais didáticos na atualidade. O autor ainda apresenta orientações metodológicas para uma análise do design gráfico, com proposta de categorização das ilustrações encontradas em livros didáticos de diferentes disciplinas.

Neste livro, os autores tratam das relações entre a fala e a escrita, a oralidade e o letramento. Em geral, os manuais didáticos não costumam dar muito espaço a essas questões e não as tratam com a devida atenção. Pior: quando as tratam, fazem-no de forma equivocada. A distinção entre fala e escrita vem sendo feita, na maioria das vezes, de maneira ingênua e numa contraposição simplista. As posições continuam preconceituosas para com a oralidade. Por isso, julgamos importante explicitar tanto a perspectiva teórica das abordagens como as noções centrais de oralidade e letramento, fala e escrita, língua, gênero, texto, multimodalidade, interação, diálogo e muitas outras. Tratamos da produção textual falada e escrita e observamos o funcionamento da língua em sociedade. Aqui está uma contribuição sistemática e aprofundada nessa direção.

ISBN 85-7526-158-4



9 788575 261583